

miguel barbosa

O INSECTICIDA
UMA FLOR NA MORÁVIA
MURO ALTO

leandro

início

MIGUEL BARBOSA

OUTUBRO 2122

O INSECTICIDA

Peça em um acto

UMA FLOR NA MORÁVIA

Peça em dois actos

MURO ALTO

Peça em dois actos



INÍCIO

MURO ALTO

peça em 2 actos

a Fernanda Guerreiro

PERSONAGENS

ALICE, mãe de Dâdinho, 50 anos.
TERESINHA, uma amiga, mesma idade.
JORGE, pai de Dâdinho, obcecado por um canário, 70 anos.
GATUNO, também Dâdinho, o filho de Jorge e Alice, 38 anos.
AMÁLIA, mulher do gatuno, 30 anos.
BERNARDO, um falso cego, 30 anos.
FERNANDINHO, 11 anos, filho de Gatuno e Amália.
SUSANA, a mulher dos caramelos.
TRISTÃO, 35 anos, faz de advogado de defesa.
AFONSO, 48 anos, faz de advogado de acusação.
CORONEL, velho reformado da guerra de 1914.
SOFIA, antiga amadora dramática, 50 anos.
LUISINHO, maníaco do «twist», 21 anos.
MÉDICO, 50 anos.

CENÁRIOS

Sala de estar de casa rica. Porta à esquerda para um corredor. Ao fundo, um jardim de Inverno com janelas envidraçadas. Numerosas plantas exóticas e uma mobília de verga antiga. Um aquário de um tamanho médio a um canto, um cavalete com uma pequena tela que alguém já começou a pintar. Este jardim de Inverno tem saídas para as traseiras. Três degraus para a sala. Nesta existe uma lareira natural à direita e um «pic-up» em primeiro plano. Rodeando a lareira, um conjunto de sofá e «maples», um pequena mesa ao centro e um candeeiro de pé alto, de largo «abat-jour». Ao lado, à esquerda da sala, uma mesa comprida e cadeiras de espaldar alto, forradas a couro, antigas e sóbrias. Do mesmo lado e encostada à parede, uma grande estante formando conjunto com mesa e cadei-

NOTA — Esta peça é anterior às peças «O Palheiro», «Os Carnívoros» e «Piquenique».

ras. Ao fundo, à esquerda, um bar sóbrio e antigo. No chão, alcatifas. Tudo de bom gosto e não muito luxuoso, discreto. Jarras com flores. É noite. A lareira está acesa e é a única luz. Em cena, junto à lareira, está um casal de velhos e uma mulher de idade. Jorge e Alice — o casal de velhos — estão sentados lado a lado. Ela tem no regaço um álbum com fotografias e os óculos encavalitados na ponta do nariz. O Jorge tem um xaile nos ombros e dormita com a cabeça caída para o regaço, onde se vê um pequeno monte de jornais. A amiga — Teresinha — faz «tricot» numa camisola já adiantada. Este trabalho absorve-a por completo.

1.º A C T O

Quadro 1

C E N A 1

(JORGE, ALICE e TERESINHA)

ALICE (*tirando os óculos*) — Tu lembras-te?

(*O velho não responde.*)

ALICE (*elevando a voz*) — Jorge!

JORGE (*ensonado, levanta a cabeça*) — Hem!

ALICE — Lembras-te?

JORGE — Não.

ALICE (*aflita*) — Como? Não te lembras? Tens a certeza?

JORGE (*deixando cair de novo a cabeça*) — O Chico? Deste de comer ao canário?

ALICE — Dei, sim. Ouve, diz que ainda te lembras.

JORGE (*baixinho*) — De quê?

ALICE (*elevando a voz*) — Sei lá! De qualquer coisa. O que quiseses.

TERESINHA — É impossível que não se lembre de nada! (*Sempre tricotando*).

JORGE — O Chico...

ALICE — Tudo é diferente! Até o Sol... já não aquece como antes...

TERESINHA — Sim, até o Sol...

ALICE — Era mais dourado, mais brilhante!

TERESINHA — Achas que o terço falsificado?

ALICE — A quem?

TERESINHA — Ao Sol. Falsificam tudo. Aqui há dias uma prima minha comprou uma caixa de bolachas com sal...

ALICE (*cortando*) — Tens cada uma!

TERESINHA — Eram insossas! E com tantas bombas... Não me admirava.

ALICE — Não, o Sol é o mesmo, nós é que mudamos. Quando penso que o Jorge se modificou desta maneira! (*Para o marido, elevando a voz*). Jorge, faz um esforço!

JORGE — Deste alpista ao Chico?

ALICE (*elevando a voz*) — Dei. (*Para Teresinha, em voz normal*). Nunca pensei que teria de odiar o canário. Se pudesse esquecer esse maldito animal, que se interpõe entre ambos como uma estúpida parede de cimento!

TERESINHA — O Jorge nunca foi muito comunicativo.

ALICE — Bem sei. Mas assim é de mais! Chego a julgar que estou com um estranho ou que tenho um morto a meu lado.

TERESINHA — Às vezes penso se ele não será o mais feliz de nós três! (*Para de tricotar*). Recordar o quê? Rostos sem cara que se esvaem nas sombras, que se sobrepõem uns aos outros, irreconhecíveis, como companheiros de um baile...

ALICE — Pode-se escolher só aquilo que nos é agradável. Recordar apenas o que nos convém.

TERESINHA (*olhando vagamente*) — São sempre rostos tristes e cadavéricos os que me estendem os braços. Aparecem-me na noite escura, quando estou deitada. Podia ter sido feliz, mas só compreendi demasiado tarde.

ALICE — Estamos velhas para voltar atrás e refazer a vida.

TERESINHA — Bem sei. Por isso não quero agarrar-me a um passado que não me diz nada. (*Passa a mão pela cara*). Achas que tenho muitas rugas? Mas eu ainda me sinto nova. O desejo de aventuras...

ALICE — De aventuras, ó Teresinha?! Na nossa idade?!

TERESINHA — Pensas que os homens...

ALICE — O quê?

TERESINHA — ...chegarão à Lua?

ALICE — Sei lá! Talvez. Mas a que propósito vem isso?

TERESINHA — Gostava de ir à Lua.

ALICE (*suspirando*) — Eu nem isso! Já não tenho ambições. A mim apenas me resta um marido obcecado por um canário que morreu e um filho que nunca mais vi.

TERESINHA (*pondo a sua mão na dela*) — Não te deixes abater, precisas de lutar...

ALICE — Não é fácil.

TERESINHA — Vê lá eu?! Considerava o amor a finalidade máxima da vida, a única coisa que verdadeiramente contava... Quando compreendi que já não atraía, procurei antídotos. Os homens já não olham para nós, mas quem sabe se para os habitantes da Lua não somos ainda demasiado novas? (*Continua tricotando*).

ALICE (*rindo*) — Para os selenitas, talvez. É por isso que queres ir à Lua?

TERESINHA — Na Lua não há idade. As pessoas não envelhecem tão depressa.

ALICE — Que sabes tu?

TERESINHA — Com a diferença de peso, um passo dado lá corresponde a seis dos nossos. Dança-se leve como uma pena. (*Sorrido*). Sinto-me capaz de dançar a mazurca com um selenita.

ALICE — Por que é que eles hão-de dançar a mazurca e não o «twist», por exemplo?

TERESINHA (*levanta-se*) — Lá em cima tanto faz. (*Dança com esforço*). Voltarei a ser a mais linda da noite, a mais fascinante do baile. (*Faz uma vénia*). «O senhor selenita dança a mazurca?» «Não, não tenho par.» (*Continua a dançar*).

ALICE — Ainda te mexes bem. Tens boas pernas! Eu não era capaz. Já tinha desmaiado.

TERESINHA (*cai numa cadeira*) — Livra!

ALICE — Vês? Estamos velhas de mais para essas danças guerreiras. Queres respirar uns saís?

TERESINHA — Não. Já fico boa. Ufa! Sabes o que me apetecia agora? Um copo de absinto e um charuto.

ALICE — Céus! Tu não estás boa! Um charuto?!

TERESINHA — Como os do Churchill.

ALICE — Não ias gostar.

TERESINHA — Sabes lá? Há tanta coisa que eu nunca experimentei! Nunca fui a um cabaré, por exemplo. Gostava de estar sentada a beber um copo de absinto como uma grande cortesã... uma Du Barry.

ALICE — As cortesãs não iam aos cabarés.

TERESINHA (*indignada*) — Quem é que te disse que a Du Barry não ia aos cabarés?

ALICE — Não vem nada na história. Penso que era um anacronismo.

miserável sem direito a nada, mas já estou, apesar disso, a ver brilhar no seu peito mais uma condecoração por serviços distintos prestados à sociedade. No entanto essa distinção não será como as outras que, com fita de seda, lhe adornam o peito. Será um bem pequeno prémio, doutor, para quem escorraça miseráveis como eu.

CAI O PANO

Lisboa, 1960.



Composto e impresso na Gráfica
Santelmo, Lda., Lisboa, para
INÍCIO
em Março de 1967.